

275-PT

Aborim

Dioc. BRAGA

IGREJA NOVA OU DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Há muito que a igreja de Aborim vinha sendo insuficiente para albergar toda a população crente da freguesia. Impunha-se um edifício com maiores dimensões. Porém, a solução de um possível alargamento não parecia viável. A falta de pé direito e de espaço plano envolvente não recomendavam uma tal solução. Por outro lado, era aconselhável conservar e salvaguardar o património artístico desta igreja antiga, que, embora sóbria no seu estilo, contém aspectos relevantes e valiosos para a posteridade. Além disso, arrumada para noroeste, encontrava-se longe do centro geográfico da freguesia e com difíceis acessos.

Tudo aconselhava a construção de uma nova igreja paroquial, em zona mais centralizada e acessível, talvez pelo lugar do Moledo, onde já havia sido construído o edifício da nova escola do ensino primário.

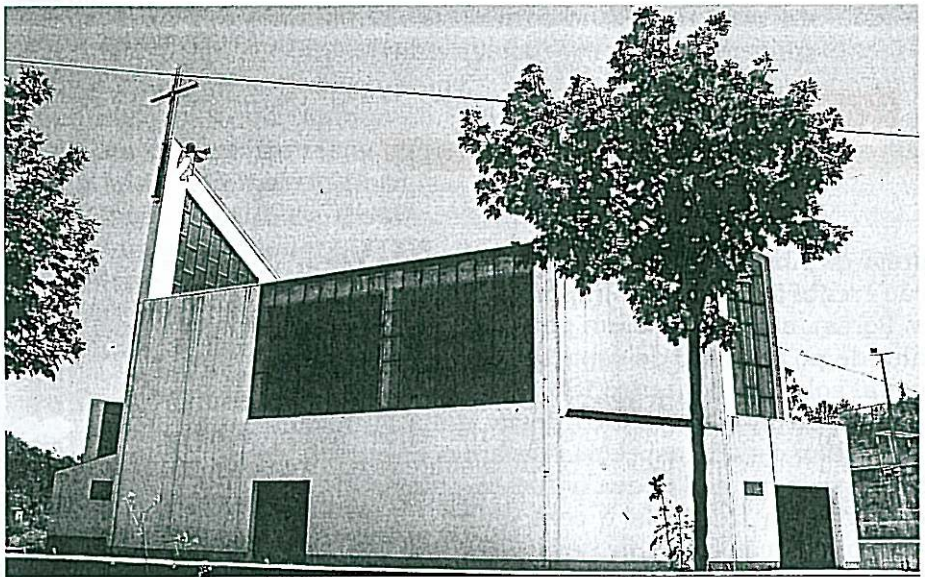
Para a concretização deste sonho tornava-se necessária uma vasta área de terreno, problema que a generosidade do P.^o António da Costa Rosa viria resolver. Este sacerdote, embora natural de Aguiar, tornava-se amigo e benfeitor de Aborim. Tendo adquirido uma propriedade a norte e poente da Estação de Tamel, outrora pertencente à família Castro, de Vitorino de Piães, colocava-a à disposição da desejada igreja nova de Aborim. Não era despendida a oferta total e gratuita desta propriedade. Desperta, então, e cresce como bola de neve o bairrismo de alguns aborinenses que se abalançam à construção de uma nova igreja.

Todavia a opinião não era geral, nem pacífica. Havia saudosistas da velha igreja assim como do cemitério que junto dela haveria de permanecer e havia a comodidade dos habitantes de alguns lugares que sempre ficariam dela menos distantes que da projectada nova igreja.

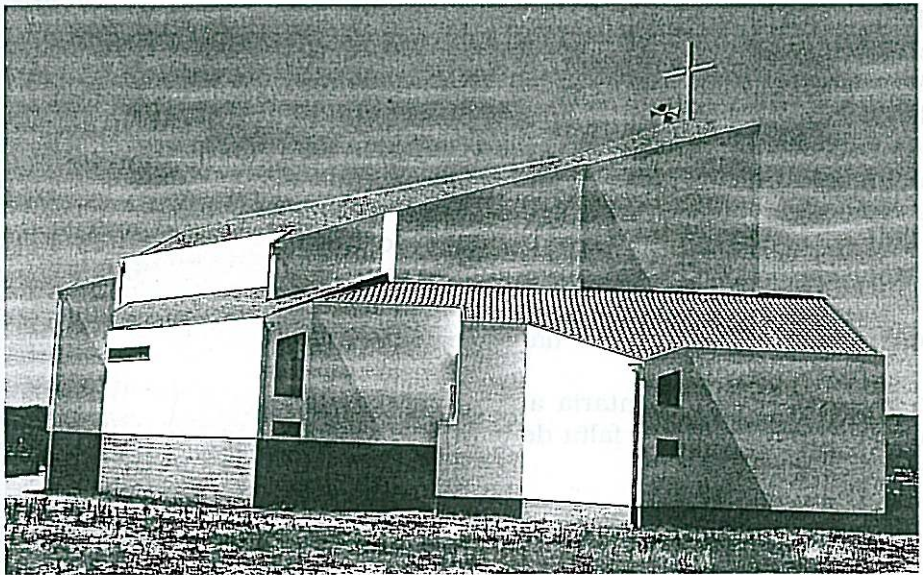
A vontade de algo fazer de novo suplantaria a relutância deste grupo de adversários ou indiferentes. Desta falta de consenso vai-se fazendo eco a imprensa concelhia.

- 267 -

Em: "Iniciação geográfica de S. Martinho de ABORIM"
- Barcelos de Manoel Baptista de Sousa
Nov. / 1998



Igreja Nova, lado norte



Igreja Nova, lado nascente

"Jornal de Barcelos" de 27-1-1977, sob o título "construção da nova igreja", dizia: Para tranquilizar a população de Aborim, e dissipar certas dúvidas de algumas pessoas, algo descrentes, podemos informar que o projecto da nova igreja está, finalmente, a ser elaborado pelo GAT,... e deverá estar concluído até ao fim do próximo mês de Fevereiro.

Desta maneira a população deverá ficar tranquila e tomar novo alento, não dando ouvidos a certos "boateiros", nada interessados na construção da nova Casa de Deus.

No mesmo **"Jornal de Barcelos"**, a 28-7-1977, sob o título "Construção da Nova Igreja" diz-se: Paulatinamente a construção da nova igreja de Aborim, vai-se tornando uma realidade. Com efeito, começou já, na passada quinta-feira, dia 13, a terraplanagem do terreno, que deverá ficar concluída na presente semana. No passado domingo, dia 17, no local onde se vai construir a nova igreja, houve uma reunião com os habitantes da freguesia, estando presentes os membros da Comissão de Responsabilidade, Rv.^{do} P. e Luís Gonzaga Leite da Costa e Rv.^{do} P. e Manuel Baptista de Sousa, para deliberar sobre o futuro. Ficou assente contactar de imediato diversos empreiteiros para pedir orçamentos, visando começar a construção já de seguida. Entretanto ficou ainda assente proceder ao lançamento da primeira pedra — provavelmente já no próximo mês de Agosto — estando a ser elaborado um cuidadoso programa, e que oportunamente será revelado.



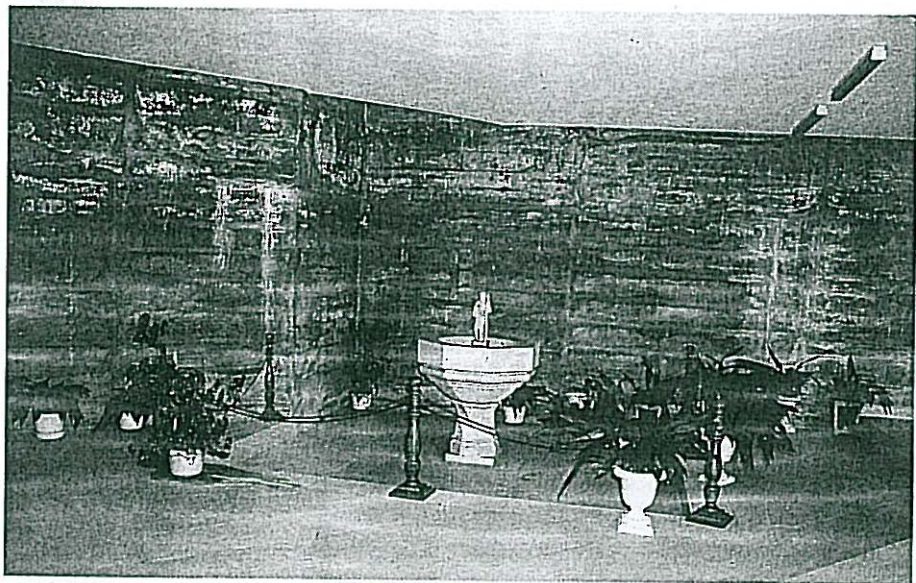
Interior da Igreja Nova

Não obstante todos os escolhos que têm surgido, chegou finalmente a hora de arrancar, reinando imenso entusiasmo entre a população, mesmo entre os habitantes mais renitentes ou cépticos, que, a pouco e pouco se vão apercebendo da importância e necessidade desta obra, e se têm aproximado e colaborado liberalmente. É preciso que a população compreenda que a obra é de todos e para todos, e nesta ingente tarefa é preciso dar as mãos, numa união perfeita, pondo de lado as inimizades, rancores ou outros torpes sentimentos.

Todos unidos numa conjugação perfeita de esforços, conseguir-se-à levar a bom termo esta espinhosa tarefa e mostrar a todos que em Aborim ainda há bairrismo.

“Jornal de Barcelos” de 11-8-1977 volta às locais do correspondente de Aborim e sobre a “Construção da Nova Igreja” diz: Terminou, no passado dia 29, a terraplanagem do terreno da Nova Igreja. Falta ainda abrir os acessos, o que só se verificará no próximo mês de Setembro, visto que o pessoal que trabalhava com as máquinas entrou de férias.

Entretanto, começaram já os peditórios no concelho de Viana do Castelo. Diversos elementos da Comissão de Angariação de Fundos para a construção da Nova Igreja, percorreram, no passado domingo, dia 31, as freguesias de Castelo de Neiva e Anha, sendo bem acolhidos pelas respectivas populações, que contribuíram com generosos donativos, atingindo-se no final 18.320\$00 de receita, na totalidade.



Baptistério da Igreja Nova

No próximo domingo diversos elementos percorrerão as freguesias de Vila Fria e Mazarefes, do mesmo concelho.

Antes de quaisquer comentários vejamos o que, pela pena de um colaborador ou correspondente, relata o jornal **"A Voz do Minho"**, de 7-1-1978, sobre o **"Lançamento e Bênção da Primeira Pedra da NOVA IGREJA DE ABORIM"**:

"Aborim, airosa e progressiva aldeia do Vale do Neiva, concelho de Barcelos, esteve em festa no passado dia 1. Uma multidão imensa afluíu a esta ridente freguesia, espalhando-se pelo belo e enorme recinto, onde se vai construir a Nova Igreja para presenciar o acto do lançamento e bênção da Primeira Pedra da Nova Casa de Deus. O povo da freguesia afadigou-se, desde manhã cedo, a confeccionar belíssimos tapetes de flores e serrim, engalanando as artérias de acesso ao terreno da Nova Igreja e as suas moradias, com dísticos de saudação aos forasteiros, bandeiras e belíssimas colchas.

Cerca das 14 horas começaram a chegar ao recinto numerosos forasteiros e diversos convidados, entre os quais destacamos os Snrs.: Dr. Bacelar Ferreira, secretário do Governo Civil de Braga, em representação do Governador Civil; Capitão de Infantaria, José Maria Araújo Fernando Santos, do Regimento de Infantaria de Braga, em representação do Comandante da Região Militar Norte; Dr. João Baptista Machado, Presidente da Câmara de Barcelos; Tenente Alberto Fernando Santos, Comandante do Posto da GNR de Barcelos; Arcipreste de Barcelos; Arcipreste de Esposende; Padre Aviz de Brito, da freguesia da Silva; Padre Mendes, da freguesia de Durrães; Padre Manuel Baptista, da freguesia de Cossourado; Professor Inspector Silvério Martins Caridade; Comandante do Posto da GNR de Prado e Arquitecto Bessa, do GAT de Barcelos, autor do projecto da Nova Igreja.

Entretanto, da igreja paroquial havia saído uma peregrinação, na qual se incorporaram numerosos fiéis, com o andor de Nossa Senhora de Fátima, padroeira da futura Nova Igreja, conduzido por jovens meninas, em direcção ao terreno, que atingiu cerca das 14,40 horas, sendo saudada por uma potente girândola de fogo de artifício. Cerca das 15 horas, chegou ao recinto o Senhor Arcebispo Primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, sendo saudado pela numerosa assistência com uma estrondosa salva de palmas, enquanto no ar se fazia ouvir uma potente girândola de foguetes. Dirigindo-se, em cortejo, para o local das cerimónias, onde fora construído um amplo palco, para celebrar a Missa Campal, o Senhor Arcebispo Primaz, saudou Aborim, o seu povo e todos os presentes, congratulando-se por esta

feliz iniciativa do povo de Aborim, de edificar a sua tão necessária Casa de Deus. Seguidamente aquele prelado, acompanhado por todo o clero e convidados presentes, procedeu à bênção do terreno onde vão ser abertos os alicerces da Nova Igreja e depois à bênção da Primeira Pedra, onde se encontravam gravados a data e o seu nome, acto assinalado com uma potentíssima girândola de fogo de artifício. Entretanto, o pároco da freguesia, Padre Luís Gonzaga Leite da Costa, proferiu algumas palavras de regozijo pela presença do Senhor Arcebispo Primaz e de apelo para a união e colaboração de todos os paroquianos, nessa árdua e difícil tarefa de construir a Nova Igreja. Foi celebrada depois Missa Campal, pelo Senhor Arcebispo Primaz, acolitado pelo clero presente. Terminada esta cerimónia os convidados e algum povo da freguesia dirigiram-se para a Escola Primária, onde foi servido um opíparo lanche, confeccionado por algumas donas de casa da freguesia, que a todos deliciou. No decorrer do lanche o Senhor Arcebispo Primaz fez entrega ao pároco da freguesia de um envelope contendo um importante donativo — sua oferta pessoal — para ajuda da construção da Nova Igreja.

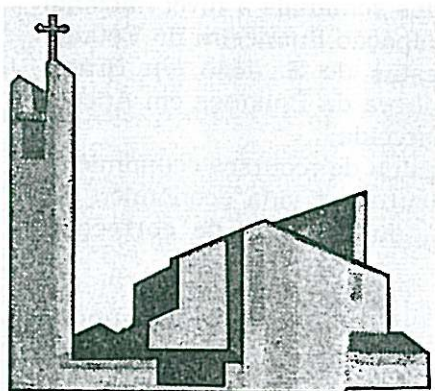
Foi em suma uma bellissima festa, como não há recordação em Aborim, e só foi pena que o tempo não tivesse colaborado, pois logo à chegada do Senhor Arcebispo Primaz, começou a fazer-se sentir uma chuva persistente e miudinha, que levou muitas pessoas, desprevenidas dos respectivos resguardos, a abandonar o local”.

Aborim soube receber condignamente os inúmeros forasteiros que afluíram ao amplo recinto da Nova Igreja.

Não teria começado da melhor forma a concretização deste sonho. A primeira Comissão constituía-se com dificuldade. Para além de outros, nela predominavam três nomes: pároco - P.^e Luís Gonzaga Leite da Costa, Manuel Martins Leiras e filho deste, Arlindo Alves Martins. Este, como correspondente da imprensa concelhia e em Boletim Paroquial da sua iniciativa, batia-se constantemente pela unidade, pelo consenso e pelo interesse, lutando para que todos assumissem a construção da Nova Igreja como projecto comum.

Todavia, imperava a dúvida, o medo e a apreensão de um futuro fracasso.

Aos 18 de Abril de 1976 a Câmara Municipal assumia as despesas com a elaboração do projecto da Obra e respectivos acessos. A terraplanagem do terreno era prometida pela Edilidade, mas viria a custar cem contos à Comissão. O projecto era da autoria do Gabinete de Apoio Técnico — GAT, orientado pelos Srs. Eng.^{os} Domingos de Apresentação Carvalho, Sousa Pinto e Arquitecto José Bessa Menezes, técnicos estes que na própria memória descritiva não se consideram especialistas em temas de ordem religiosa.



Maquete

Propriamente, o projecto seria da autoria do Sr. Arq. José Bessa Menezes, que publicamente se confessava pouco familiarizado com práticas religiosas e que para a sua elaboração visitara, pela primeira vez, uma capela de renome, ou seja, a capela de Santa Marta da Falperra, em Braga.

Ainda em esboço, este projecto inspirava receios e insatisfação. Na busca de luz natural, o seu primeiro croquis, longe da forma tradicional de uma igreja,

mais parecia um edifício de cooperativa, com puxadas para um e outro lado da cobertura. Era um verdadeiro bairro de mirantes, que, pouco a pouco ficaram reduzidos, somente a um.

Segundo a própria memória descritiva, por razões de morosidade e menor despesa, evitou-se a pedra, recorrendo ao *betão*, tirando partido da sua expressão e da introdução da luz. Prescindindo da fragilidade do alumínio, aplicou-se o ferro, a madeira, o vidro, a telha e o mosaico de marmorite polido no pavimento. Aceitável em acústica e funcional no aspecto interior, evitavam-se recantos ocultos ao sacerdote, dando lugares de destaque ao baptistério, ao coro lateral e às salas de catequese.

Depois de muita insistência e não menos frequentes ameaças, em Janeiro de 1979, o GAT entregara à Comissão o pretenso projecto. Após sucessivas correcções teria continuado um projecto muito discutível, nada alheio a uma reprovação da Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra. Apesar das reservas postas, tal recriminação não aconteceu.

Em fins de Janeiro de 1979 o projecto era aprovado pela Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra e em 11 de Março seguinte recebia o beneplácito da Câmara Municipal.

Poderá ser considerado o início da obra em Julho de 1979 com a abertura das fundações.

Em Fevereiro de 1980 foram iniciados os trabalhos da construção de toda a estrutura de betão armado.

A primeira Comissão trabalhou afincadamente na angariação de fundos financeiros. Como veremos adiante, recolheu ofertas por vários arciprestados, organizou cortejos de oferendas com respectivos bazares, bateu a todas as portas com lista de subscrição, cuidou da campanha semanal do ovo, aproveitou o costume de cantar os reis

(Apêndice Doc. n.º 7) espalhou os sorteios semanais a nível nacional e apostou denodadamente na participação financeira do Estado. Além disso, realizou peditórios nas festas de S. João em Braga, Senhora da Agonia, S. Bartolomeu, Senhora da Bonança em Âncora e peregrinação a Nossa Senhora da Aparecida.

Funcionava habilmente toda a máquina de recursos económicos. Até aos fins de Agosto de 1980, a estrutura e vida económica era lisonjeira. Em números aproximados, susceptíveis de correcção, registava-se o movimento seguinte:

— Pedra do adro desde 1976	18.700\$00
— Cartões de sorteio	179.918\$00
— Subscrição pelos paroquianos	232.106\$00
— Campanha semanal do ovo, festivais, etc.	150.146\$00
— Peditórios fora da Freguesia:	
Amares	29.263\$20
Barcelos (sem Vale do Neiva)	51.432\$50
Caminha	10.320\$00
Esposende	63.472\$20
Ponte de Lima	131.175\$40
Póvoa de Varzim e V. do Conde	38.180\$00
Viana do Castelo	351.354\$20
Vila Nova de Famalicão	16.298\$00
Vila Verde	178.624\$40
— Cortejo de Oferendas, aos 10-8-1980	451.196\$00

E os peditórios continuavam.

Aos 13 de Novembro de 1980, a participação do Estado, constante do Processo 658/79, era deferida. Em 12 de Março de 1981, por conta da totalidade concedida, a Nova Comissão da Igreja recebia a primeira trencha ou fatia, correspondente à obra já realizada, na importância de 1.900 contos.

Aos 12-3-1981 a Cúria Diocesana oferecia o óbulo de 100 contos.

Com a recolha destes dinheiros e pensando em economias futuras, a reduzida Comissão de trabalho procedeu a várias aquisições.

Assim, no fim de 1977 encomendou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, com um metro de altura, pela importância de 15.000\$00; em 1978 comprou grande quantidade de ferro que passou a guardar em barracão de madeira adrede preparado; adquiriu quinze mil telhas na Cerâmica Progresso de Pampilhosa, chegadas em três vagões consecutivos durante o mês de Janeiro de 1979, ao preço de 9.220\$00 por cada milheiro; adquiriu uma remessa de blocos e de cimento; conseguiu que a Câmara Municipal pagasse o projecto de

electrificação na importância de 20.000\$00 e, em Junho de 1979 tratou de toda a documentação para a candidatura de participação estatal.

Todavia, nem tudo eram rosas. Em 23-9-1979 ouvem-se as lamentações de que 1.700 paróquias não procediam ao pagamento, nem à devolução de séries de bilhetes do sorteio.

Só dois empreiteiros respondiam aos cinco concursos solicitados. Em face disto e tendo em conta os materiais adquiridos, a Comissão optou, erradamente, pelo início da obra em regime de administração directa, com máquinas alugadas à Firma de António Monteiro, de Barcelos, dando esta empresa construtora o encarregado da obra, mais dois ou três empregados especializados, recrutando-se o restante pessoal em Aborim e Quintiães.

Aos 9-9-1979 chegavam à conclusão de que não havia pessoal capaz para prosseguir a obra no sistema de administração directa. Recorre-se ao contrato com a Firma de António Monteiro. Lançadas as fundações e construídas as paredes até meia altura, as obras param, ficando a pagar-se, diariamente, o aluguer das máquinas e da grua. A telha previamente adquirida é rejeitada, o ferro deteriorado torna-se inapto para aplicação. Além do fracasso deste objectivo, a contabilidade entrara aceleradamente em saldo negativo.

Com as culpas de má administração, aumenta o descrédito e avolumam-se as dificuldades. A imprensa ia dando contas do *impasse*, do desinteresse de uns e do fraquejar de outros.

Em Maio de 1980 demitem-se da Comissão de Responsabilidade e Trabalho dois dos seus membros, Domingos Amorim Magalhães Menezes e Manuel Linhares Menezes, deixando-a reduzida a quatro elementos: pároco, Manuel M. Leiras, Arlindo Alves Martins e Bonifácio Andrade Ferreira.

Tornava-se imperioso rodar pessoas capazes de novo dinamismo, injectando sangue novo no empreendimento.

Aos 8 de Março de 1981, o pároco e Corporação Fabriqueira passaram certidão pública a uma nova Comissão de Responsabilidade da Construção da Nova Igreja, para levantamento de dinheiros na Repartição de Finanças do concelho, mormente das fatias da comparticipação do Estado, com total exclusão dos dinheiros da Fabriqueira ou Benefício Paroquial. Esta nova Comissão apresentava a constituição seguinte:

Presidente — José Maria Marques

Tesoureiro — José da Costa Pereira

Vogais — Porfírio Baptista de Sousa e José Maria da Costa Ferreira.

Porém, outra dificuldade surgia. As obras haviam começado sem qualquer documento de doação dos terrenos, lavrado perante notário público. E o dono do terreno, P.^c António da Costa Rosa, vinha a falecer de acidente aos 9 de Outubro de 1980, sem testamento. Tornava-se, agora, necessário dialogar com os respectivos herdeiros, para que honrassem os compromissos verbais assumidos pelo seu familiar, até perante o Sr. Arcebispo Primaz, em visita ao local aos 26-9-1980, e esperando assim que, entre si resolvessem as partilhas. Tudo ficou resolvido com a "doação" notarial, feita aos 9-2-1982, por Silvério da Costa Rosa, a quem a propriedade em causa coube nas respectivas partilhas dos bens de seu irmão.

Para apoio de arquivo e ilustração dos acontecimentos, deixamos, em Apêndice, (Doc. n.º 8), a transcrição integral da dupla doação (ao Benefício e à Corporação Fabriqueira), com as cláusulas que a mesma comporta. Em primeiro esboço, estas condições incluíam a reversão dos prédios ao doador ou seus herdeiros, se tais prédios fossem um dia vendidos ou doados por qualquer comissão futura.

Há quem discorde da interpretação desta cláusula, que não aparece no documento definitivo.

* * *

A segunda fase da obra fora adjudicada à firma de António de Jesus Gomes (Monteiro) e C.^a L.^{da}, de Barcelos, em concurso efectuado aos 14-9-1981.

As três participações do Estado somaram 16. 538.000\$00.

Em resumo, a despesa total da obra até 1994 foi de 24.389.578\$60. A receita total (participação do Estado e ofertórios) foi de 26.084.061\$90. No fim restava ainda o saldo positivo de 1.694.483\$30. Porém, a obra encontra-se incompleta, faltando ainda a construção da torre ou campanário para os sinos. Também este complemento tinha a previsão de participação estatal.

No campo das benfeitorias complementares ou objectos de culto encontramos ofertas dignas de referência especial. Assim, o Altar-Mor e a Pia Baptismal, em granito da região de Afife, foram confeccionados na oficina do escultor esposendense Pompeu Morgado Neto, pela importância de 327.000\$00. Esta verba foi adquirida por uma comissão de senhoras da freguesia, através de subscrição pública.

O altar-peanha de Nossa Senhora de Fátima, também da autoria do escultor Pompeu Neto (P. N.), fora oferecido por João Magalhães Barros e Domingos Amorim Menezes. Por sua vez a imagem de Nossa Senhora de Fátima e o órgão electrónico foram ofertas de João Magalhães Barros e esposa.

O sacrário metálico ficou a dever-se à generosidade de Joaquim Coutinho Pereira.

A aparelhagem sonora e o relógio são oferta de Manuel Magalhães Menezes.

A cruz ficou a dever-se a um voto de Joaquim de Sousa Coelho, mediante subscrição pública.

João Magalhães Barbosa oferecera a imagem do Coração de Jesus e promovera a aquisição do respectivo altar, mediante subscrição pública.

Posteriormente, a Autarquia Local e Municipal promoveu obras de arranjo urbanístico da área envolvente, assim como a construção de um escadório na frente do edifício.

Com gestos de tão grande generosidade, de sacrificios heróicos, de trabalhos incansáveis e de incomensurável amor aos problemas espirituais da sua terra, o Povo de Aborim poderá entoar, orgulhosamente, um hino de glória e de louvor pela obra realizada. Não poderemos regatear elogios a um Povo que tanto se sacrificou pela sua terra.

Que os homens admirem este Povo e que Deus o recompense.